

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MAIKEL HEROLD

**A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
Aspectos Antropológicos, Históricos,
Devocionais e Teológicos**

MAIKEL HEROLD

A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
Aspectos Antropológicos, Históricos,
Devocionais e Teológicos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Érico João Hammes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
1 ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS E BÍBLICOS	06
1.1 Aspectos Antropológicos	06
1.2 Aspectos Bíblicos	08
1.2.1 Coração no Antigo Testamento	08
1.2.2 Coração no Novo Testamento	09
1.2.3 João 19, 31-37	10
2 ASPECTOS HISTÓRICOS	13
2.1 Patrística	13
2.2 Idade Média	14
2.3 Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690)	19
2.3.1 Biografia	19
2.3.1 As Aparições	20
2.4 O Estudo e a Aprovação da Festa nos séculos posteriores	23
2.5 A Devoção do Sagrado Coração no Brasil	25
3 PRÁTICAS DA DEVOÇÃO E O APOSTOLADO DA ORAÇÃO	26
3.1 Consagração e Expição ou reparação	26
3.2 Ladainha	27
3.3 Primeira Sexta-feira do Mês	28
3.4 Hora Santa	29
3.5 Apostolado da Oração	30
4 A TEOLOGIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE Jesus	33
4.1 O Objeto da Devoção	33
4.1.1 O Coração Humano de Cristo	33
4.1.2 O Coração Divino de Cristo	35
4.1.3 A Imagem do Sagrado Coração de Jesus	36
4.2 Aspectos Dogmáticos da Devoção	38
4.2.1 O Coração de Jesus e o Plano de amor de Deus	38
4.2.2 O Coração de Jesus e a Redenção	40
4.2.3 O Coração e a Igreja	42
4.3 O Coração de Jesus e a Eucaristia	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

O coração sempre foi, para todas as culturas, o grande mistério do homem. Entendido sempre dentro de uma concepção simbólica, este coração é entendido como o lado mais íntimo, o lugar onde o ser humano se abre ao outro ou se fecha dentro de seu egoísmo. De fato, compreender o que se passa no coração humano, é uma necessidade para compreender o homem e suas estruturas, visto que o coração é o quarto, onde ele fecha a porta e reflete de si, para si, consigo mesmo.

Assim sendo, refletir sobre o coração de Cristo é inteirar-se sobre o seu interior, compreender o que passa pela sua Pessoa, compreender o que o faz agir e o que o impulsiona a continuar a cumular de bens a humanidade. Em uma palavra, entender o coração de Jesus é descobrir o que o levou a dar a vida por nós. E mais do que isto, é unir o nosso coração, mergulhado em contradições, ao seu coração e fazer com que nosso coração se torne igual ao dele.

Isto, contudo, é uma busca que passa por caminhos, muitos deles espinhosos e cheios de dificuldades, que necessitam sempre de uma renovação total. Compreender o que levou Cristo dar a vida naquela tarde de sexta-feira, e unir isto a nós hoje é um trabalho árduo, visto nossa fraqueza de alma e nossa falta de fé.

É para isto que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus propõe: nada novo, nada diferente, mas renovador, a fim de compreendermos que o interior do homem-Deus Jesus Cristo, está cheio de amor para com a humanidade e seria capaz de fazer tudo de novo em dobro, pois não se limita em seu coração.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é, portanto, um desejo de exaltação ao amor incriado de Deus, ao amor que levou Cristo a se encarnar no seio da Virgem, entrar na história humana, sofrer tribulações e à morte. Além disto, é transformar o coração dos homens e mulheres do nosso tempo, num coração semelhante ao de Cristo, que veio para servir e não para ser servido.

O presente trabalho quer ser uma amostra desta devoção que tanto marcou a história mais recente da Igreja, mas que desde os primórdios está nela incrustada. Longe de levantar teorias ou apresentar propostas de praticá-la, quer revelar aos leitores aspectos que achamos importantes para uma melhor compreensão acerca da devoção.

Para isto, dividimos o trabalho em 4 partes, não sabemos se seria a melhor ordem, mas como foi dito acima, com o intuito de apenas apresentar, de uma maneira lógica a devoção.

A primeira parte diz respeito mais à idéia de coração, dentro de uma concepção antropológica, ou seja, universal e filosófica sobre a expressão. Depois, dentro de um ponto de vista bíblico, tanto do Antigo como do Novo Testamento, selando com uma reflexão sobre o ponto chave do tema deste trabalho: o trecho do Evangelho de João 19, 31-37.

A segunda parte quer ser um grande apanhado histórico sobre como esta devoção foi sendo desenvolvida ao longo da história da Igreja. Desde a Patrística, passando pela Idade Média, as aparições em Paray-le-Monial, até a aprovação final da Igreja, isto já no século XIX. Aproveitamos também para um rápido apontamento (não achamos fontes suficientes) sobre a devoção no Brasil.

A terceira parte fará uma apresentação da prática da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sobretudo sobre aquilo que foi revelado em Paray-le-Monial, além de apresentar o movimento eclesial que melhor apresenta hoje a devoção na Igreja universal, o Apostolado da Oração.

A parte final será uma reflexão teológica a cerca da devoção, dentro de três linhas: a primeira sobre o objeto da devoção, a segunda sobre aspectos dogmáticos e a terceira sobre a devoção e a Eucaristia. Este último para elucidar a grande ligação que há entre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Eucaristia, desde o tempo da Patrística e, sobretudo, com as manifestações à Santa Margarida Maria Alacoque.

Enfim, de fato que este trabalho possa, de uma maneira ou de outra contribuir para a divulgação ao Sagrado Coração de Jesus, sobretudo para uma devoção mais

centrada naquilo que realmente ela é: honra ao amor incriado de Deus e busca de uma fé mais misericordiosa e amorosa de Deus para com os seus filhos.

1 ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS E BÍBLICOS

1.1 Aspectos Antropológicos

Todas as culturas reconheceram no coração o centro da vida, o órgão onde o ritmo regular rege cada instante da existência¹. O coração acompanha o homem nas suas relações, pois ele bate ao ritmo de seus sentimentos mais profundos, mais secretos marcados pelo amor. O coração aparece como qualquer coisa capaz de se abrir para receber e se doar numa relação, ou se condenar a se fechar.

A concepção antropológica de *coração* é bastante antiga, apesar dos inúmeros conceitos pela qual se foi formando ao longo dos anos. Um dos conceitos mais antigos que sabemos é o conceito bíblico, desenvolvido, sobretudo, no Egito e em Israel, que iremos desenvolver mais tarde.

Entre os gregos, o coração era o centro de força vital, sendo compreendido também como a sede da vida espiritual/psicológica do corpo. Aristóteles afirma que o coração era a sede das sensações e das emoções, concepção esta que se preservou até a Idade Média com o desenvolvimento dos estudos sobre a Anatomia Humana.

Foi, contudo, com Pascal, que a idéia moderna foi melhor desenvolvida. Para este filósofo, o coração é o guia privilegiado do homem no domínio da moral, da religião, da filosofia e da eloquência². É o coração que têm condições de conhecer os princípios do conhecimento.

O coração, adverte Pascal, equivale a uma força impulsiva da natureza. Porém ele não está apenas no âmbito instintivo, como afirmavam muitos filósofos iluministas, mas enquanto faculdade de conhecimento direto, espontâneo,

¹ ABBAGNANO, N. *Coração* in: Idem *Dicionário de Filosofia*, 2000

² Ibidem.

adivinhatório, cujo alcance abarca muito mais que a pura razão. Os primeiros princípios estão ligados ao coração enquanto a averiguação à razão.³ De maneira sucinta, para Pascal, o conhecimento do coração é amoroso e não intelectual, porém, válido.

Kant⁴, seguindo parcialmente esta concepção afirmava que o coração refere-se apenas dentro do ponto de vista da moral. Ele, na sua "Crítica da Razão Pura", não aceitava a concepção de unidade entre coração e razão, ou seja, conhecimento afetivo e conhecimento intelectual.

Hegel atribuía ao coração o complexo da sensação. Porém, segundo este filósofo alemão, era um problema entender a noção singular do coração, visto que o ideal, dentro de sua filosofia, eram as noções comunitárias.

O espiritualismo, por sua vez, enalteceu as "aspirações do coração" contra a frieza da ciência, frente à necessidade transcendente do homem. Porém, não há indícios de uma possibilidade puramente racional, ou seja, estas aspirações caem, sobretudo, dentro do ponto de vista moral e religioso.

No século XX, o coração tornou-se símbolo de uma ordem disposta a salvaguardar os valores humanos e dedutivos do homem. Por isso mesmo algumas vezes a concepção de coração ser confundida ou alternada com a expressão "consciência".

De uma maneira geral, o conceito antropológico de coração atual, apesar de bastante diverso, ainda recai sobre uma concepção bíblica, a qual passaremos a estudar agora.

³ cf. Fraile, G. *História de la Filosofia*, 1966, p.713.

⁴ Voltamos a seguir ABBAGNANO, N. *Coração* in: Idem *Dicionário de Filosofia*, 2000.

1.2 Aspectos Bíblicos

1.2.1 Coração no Antigo Testamento

A linguagem bíblica usa a expressão *bel* para designar coração. A expressão significa, literalmente, o órgão físico; no entanto, na Bíblia é bastante usada num sentido figurativo ao original. Em Oséias (13,8) encontramos a expressão dentro do seu conceito original, ou seja, como sede da força física vital⁵.

Dentro do conceito que trata a expressão *bel* no sentido figurativo, ela aborda o homem como um todo, de onde nasce o comportamento do mesmo. É daí que, dentro do contexto da Sagrada Escritura, que se pode entender o homem com um ser dotado de sentimentos e razão⁶.

Segundo Monloubou e De Buit, podemos sistematizar este sentido dado à expressão *bel* no Antigo Testamento a partir de 4 pontos⁷:

A) Coração e Afetividade

O Coração é o órgão das oscilações, da doença e da morte (cf. Jr 4,19; Is 1,5; 57,15; 2Rs 9,24); dos sentimentos (cf. Jz 18,20; 1Sm 2,1); do desejo (Is 9,8). Portanto é do coração que provém os afetos.

B) Coração e inteligência

Para a Sagrada Escritura, o coração é o órgão pela qual se chega à compreensão (Pr 8,5; 15,14). Ele é endurecido quando se recusa a compreender (Is 6,10) O coração é comparado ao ouvido, pois Javé fala ao coração de Israel (Pr 29,3). É nele que Deus coloca os seus ensinamentos e onde o homem reflete seus

⁵ cf. SORG, T. Coração in COENEN, L; BRAUN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2000

⁶ cf. MONLOUBOU, L;DU BUIT. Coração in Idem, A, *Dicionário Bíblico Universal*, 1997

⁷ Seguiremos este esquema MONLOUBOU, L;DU BUIT. Coração in Idem, A, *Dicionário Bíblico Universal*, 1997, outras fontes serão citadas.

pensamentos. Em alguns contextos, a expressão *bel* pode ser traduzida por "entendimento", "mente". A sabedoria de Deus está ligada ao Coração⁸.

C) O coração e a vontade

É no coração que está a responsabilidade moral, a "retidão" do coração é a integridade da fé (cf. Gn 20,5)⁹. Sendo assim, é onde o homem julga o que é bom e o que é mal. As tendências humanas relacionam-se ao tipo de coração de cada um: "coração generoso, orgulhoso, etc.". Por isso, é no coração que o homem se converte, deixa o caminho mal para caminhar os caminhos de Deus. Por isso a insistência em Jeremias da circuncisão do coração (4,40). Deus julga e perscruta o coração (Pr 17,3).

D) Coração de Deus

Os sentimentos de Deus brotam do seu coração (Os 11,8). O Novo Testamento se inspirará aí, para falar do amor de Deus.

1.2.2 Coração no Novo Testamento

O conceito de coração no Novo testamento segue o mesmo esquema apresentado no Antigo. A diferença está no pano de fundo, ou seja, a visão que os escritores e a própria realidade lhes mostra, na cultura grega.

Καρδια (*Kardia*) assim como o correspondente *bel* hebraico refere-se ao órgão físico, sede da força vital humana. No entanto, os gregos utilizavam-na dentro de um ponto de vista psicológico onde *καρδια*, em relação ao hebraico tinha um cunho mais pessoal, ou seja, o coração representa o ego do homem, dentro de sua individualidade. Esta concepção passou para os escritos neo-testamentários, juntando-se ao aspecto espiritual, também conhecido dos gregos, se bem que um pouco diverso do hebraico¹⁰.

⁸ Cf. BOWLING, A. Coração in HARRIS, L; GLEASON, A; WALKE, B. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1998.

⁹ *ibidem*

¹⁰ SORG, T. Coração in COENEN, L; BRAWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2000

Do ponto de vista espiritual, para o Novo Testamento, o coração é para onde Deus se dirige a fim de entrar em contato com o ser humano. É o lugar de encontro com Deus, e é lá que sua Palavra é semeada no homem (cf. Mt 13,19; Lc 8,12.15)¹¹.

Jesus alerta os discípulos sobre a dureza do coração, marcado pelo pecado que escraviza (cf. Mc 16,14). E se o coração está escravo todo o homem também o está. Por isso Jesus exige a unidade de coração, palavra e ação, pois é no coração que o ser humano se decide por Deus (Rm 10,6-10); é lá que ele conjura seus atos bons ou maus (cf. Mt 7,1-23). A salvação neste sentido prometida é para os que são puros de coração (cf. Mt 5,8).

Paulo, por sua formação, consegue ver os processos decisivos da vida cristã a partir do coração. Para ele o coração é o âmbito da lei não escrita, instituído por Deus. A conversão é antes de tudo abertura a isto (At 16,14), através da graça de Deus que fortalece e estabelece seus ensinamentos no coração humano (cf. Hb 13,9), pela ação Espírito Santo, que é enviado aos corações para infundir-lhes o amor de Deus e a força para dar testemunho d'Ele ao mundo (cf. 2Cor 1,22)¹². Ele utiliza ainda a expressão *σπλαγκνα*, ou ternura, amor do coração, revelação mais explícita do amor ao coração humano de Cristo. No juízo final, o homem terá que apresentar aquilo que está escondido no coração (cf. 1Cor 4,5; 1Tes 2,4)¹³.

1.2.3 João 19, 31-37

Dentro do Evangelho de João, encontramos um dos pontos centrais da concepção de coração para o Novo Testamento, mas sobretudo para o nosso estudo sobre o Coração de Jesus. Para João, o coração é o interior do homem, a sede da vontade, do intelecto e das afetividades. Por isso, é importante refletir sobre este fato, que se encontra no contexto da crucifixão de Jesus Cristo, e mais especificamente sobre a ferida da lança no lado de Jesus.

¹¹ CARRAUD, Vicent. Coração in LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, 2004

¹² SORG, T. Coração in COENEN, L; BRAWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2000

¹³ CARRAUD, Vicent. Coração in LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, 2004

Num primeiro momento será importante pontuar o fato do dia da crucificação. João deixa claro o dia no versículo 14 deste mesmo capítulo ao afirmar que o dia da condenação era o dia de preparação para a Páscoa.

Quando João usa a expressão "dia da preparação" seguindo o costume judeu de, na véspera do Sábado, depois do meio dia até o início da noite se preparar o descanso sabático¹⁴. No Oriente, o cálculo das horas do dia era feito desde a noite precedente, ou seja, o dia começava com o pôr do sol¹⁵.

Aquele dia, entretanto, tinha um caráter mais solene, visto ser a véspera da Páscoa e a necessidade de prepará-la e evitar contaminações rituais¹⁶. Diferente do costume romano de deixar os crucificados na cruz por vários dias, os judeus, como atesta Josefo, mostravam-se "*cuidadosos acerca dos ritos fúnebres pois até os malfeitores sentenciados à crucifixão eram tirados da cruz e sepultados antes do pôr do sol*"¹⁷. Este hábito parece ser bastante conhecido por João, estando em sintonia com o Deuteronômio (21, 22 ss)¹⁸.

Acredita-se assim que aproximando o dia solene, era mister apressar a morte dos condenados¹⁹. Para isto usavam do "*crucifragium*", ou seja, quebravam as pernas dos condenados. Assim, sem o apoio dos pés os crucificados pendiam somente pelos braços e, decorridos alguns minutos, morriam por asfixia²⁰.

Porém vendo Jesus já morto, não lhe quebraram as pernas, mas lhe abriram o lado com uma lança (v. 33-34). João quer reforçar aqui, a prova irrefutável da morte de Cristo, fortalecendo a tese sobre a humanidade de Cristo, além de elucidar mais tarde a ressurreição daquele que foi morto e cuja prova é o seu lado aberto.

Os mesmos versículos ainda narram que da ferida jorrou "sangue e água". Dentro do ponto de vista natural, a água de que fala João poderia ser o líquido que se acumula na região do coração em consequência da *cardiorexia* (ruptura das

¹⁴ Cf. CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado*, 1895, p. 623

¹⁵ Cf. MIEN, A. *Jesus, Mestre de Nazaré*, 1999, p. 271

¹⁶ idem, 262

¹⁷ Josefo apud CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado*, 1895, p. 623

¹⁸ cf. BLANK, Josef, *O Evangelho segundo João*, 1991, p. 128.

¹⁹ Idem, p. 129.

²⁰ Cf. MIEN, A. *Jesus, Mestre de Nazaré*, 1999, p. 280

paredes do coração). Esta ruptura é causada pela necrose do mesmo. Geralmente, esta morte é precedida por um grito involuntário (cf. Mt 27,50; Mc 15,37)²¹.

Alguns estudiosos no entanto, não querendo dar uma resposta natural sobre a morte de Cristo, entendem a descrição de João apenas do ponto de vista simbólico acerca do "sangue e água" que jorram do lado aberto de Cristo.

Os Padres da Igreja afirmavam que o lado aberto está ligado aos versículos 20, 20.25s, ou seja a manifestação da exaltação de Cristo e a missão da Igreja. A água que jorra do lado de Cristo refere-se aos sacramentos do Batismo e da Eucaristia.

Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, diz o evangelista, um soldado aproximou-se, feriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu água e sangue: a água, como símbolo do batismo; o sangue como símbolo da Eucaristia. (...)Foi destes sacramentos que nasceu a Santa Igreja, pelo banho da regeneração e pela renovação no Espírito Santo, isto é, pelo batismo e pela eucaristia que brotaram do lado de Cristo. Pois Cristo formou a Igreja de seu lado traspassado, assim como do lado de Adão foi formada Eva sua Esposa.²²

Portanto, o fenômeno tem um caráter sacramental, acerca da Igreja e dos sacramentos. Esta chaga é uma marca permanente da sua humanidade, de sua paixão e de sua morte. Nele olharão para buscar a salvação (cf. v. 37)²³.

²¹ idem, p. 281

²² LITURGIA das Horas. Ofício Divino renovado conforme Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI Trad. para o Brasil da segunda ed. Típica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave Maria, 1995. São João Crisóstomo, 2ª Leitura do Ofício das Leituras da Sexta Feira da Paixão do Senhor.

²³ Cf. BLANK, Josef, *O Evangelho segundo João*, 1991, p. 130

2 ASPECTOS HISTÓRICOS

2.1 Patrística

No período da Patrística, não havia uma concepção arraigada acerca do coração de Jesus como teremos na Alta Idade Média. Porém, em certo sentido, temos que aceitar que em muitas reflexões teológicas o tema "coração" é bastante utilizado.

Os Santos Padres, quando se referem ao coração de Cristo se voltam sobretudo ao trecho do evangelho de João 7, 37-39, que afirma "Se alguém tem sede, venha a mim e beba (...) pois mananciais de água viva brotarão dele". Ora, o grego original usa a expressão Κοιλια, que significa *interior do corpo*; que, numa tradução diferenciada, pode significar também coração. Ligam-na a outra que diz: "Olharão para aquele que traspassaram" (Jo 19,37; cf. Zc 12,10). Da mesma forma, Moisés feriu o rochedo por duas vezes de onde jorrou água abundantemente (cf. Nm 20,11). Esta água é, pois, o Espírito Santo que brotará do coração aberto do Messias, a rocha do novo templo de Deus.

O que profetiza o sétimo capítulo de João se cumpre no momento que o coração do Senhor é traspassado na cruz (cf. Jo 19,34). Sangue e água da ferida do lado do Redentor são, não somente o sinal de uma morte real, senão de igual modo, sinais solenes que atestam o cumprimento do que as Escrituras anunciaram acerca da graça messiânica: agora brotará a água viva de salvação que tem sua virtude no sangue do sacrifício²⁴.

Orígenes afirma que se não houvesse sido ferido o lado de Cristo, e de lá não jorrasse sangue e água ainda teríamos sede. Hipólito de Roma toma o texto do Gênesis (2,10-15), ou dos 4 rios do paraíso. Para ele são os 4 evangelhos que santificam os que crêem em Cristo. Reafirma portanto o dito pelo profeta :

²⁴ GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 77 T.A.

mananciais brotarão do seu κοιλια (interior do corpo, coração).²⁵ Evangelho, Igreja, graça e batismo são dons do coração traspassado de Cristo. A realidade cruenta da morte de Cristo e a sua conseqüente ferida trazem a imagem do traspassado que concede a graça desde o seu coração aberto.

Um aspecto bastante querido dos Santos Padres é a imagem do apóstolo João, que descansou sobre o peito do Senhor na última ceia (Jo 13,25). Orígenes diz que ali, o apóstolo amado “bebeu das correntes de água viva, ou seja, a água mística e dos divinos mistérios”.

Paulino de Nola diz:

João, que descansou no peito do Senhor, foi embriagado pelo Espírito Santo, porque bebeu diretamente da sabedoria omni-criadora, um conhecimento muito superior ao de todas as criaturas²⁶.

Outro elemento importante indicado pelos Santos Padres, é a Igreja. Do lado aberto de Cristo, novo Adão, nasce a Igreja, a nova Eva. São Paulo já nos mostra esta idéia na sua carta aos Efésios (cap. 5). Do sangue e água jorrados do lado de Cristo nasce a Igreja: "Se Adão é o arquétipo de Cristo, o sono daquele representará o de Jesus morto na cruz e de cujo lado foi formada a verdadeira mãe dos viventes, a Igreja"²⁷.

Como vimos no capítulo anterior, do lado aberto de Cristo jorram o sangue e a água, imagens da Eucaristia e do Batismo.

2.2 Idade Média

A herança patrística, acerca do Coração de Jesus, é assumida pela piedade da Idade Média. São Tomás de Aquino, afirma que "do lado de Cristo brotou água

²⁵ A partir deste ponto seguiremos GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 84-106

²⁶ PAULINO DE NOLA apud GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p.. 103, T.A.

para lavar e sangue para redimir. Por isso, o sangue é próprio do sacramento da eucaristia; a água, do sacramento do batismo"²⁸. Este aspecto ligado à teologia da graça, ou seja, da salvação trazida pela chaga do lado de Cristo na cruz permanece forte.

No entanto, a partir desta época a imagem do coração de Jesus vai tomando um aspecto mais subjetivo, ligado sobretudo ao íntimo e pessoal de Cristo, que tem sua unidade e raiz no amor do Senhor.²⁹

Santo Anselmo afirma que Cristo revelou sua bondade, seu amor e sua caridade do seu lado aberto³⁰. Esta visão, do coração como símbolo do amor de Cristo pelos homens percorrerá por toda a Idade Média.

A partir do século XIII, e pelo menos até meados do século XIV, por causa das Cruzadas, a devoção à Paixão do Senhor aumenta consideravelmente na Igreja. São Bernardo medita sobre a sagrada paixão do Senhor, e sobretudo do aspecto do coração de carne de Cristo traspassado por amor aos homens. Para o reformador da ordem beneditina, "o mistério do coração abre-se através das feridas do corpo, abre-se o grande mistério da piedade, abrem-se as entranhas da misericórdia de nosso Deus"³¹. Se o santo reformador não entendia o coração dentro do aspecto mais subjetivo como afirmamos acima, fora com seus discípulos que nasce uma devoção do coração como *signal* do amor misericordioso do Redentor³². Mesma idéia partilhada por São Boaventura.

Na Alemanha, esta devoção terá um caráter bastante popular, principalmente com o surgimento dos místicos do coração de Jesus.

²⁷ TERTULIANO apud GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 106, T.A.

²⁸ cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO apud PIO XII, Carta Encíclica *Haurietis Aquas*, 15 de maio de 1956. n.º 39. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

²⁹ Cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 113

³⁰ cf. HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

³¹ SÃO BERNARDO apud JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 20 de junho de 1979, n.º 2. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790620_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

³² cf. HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

Na Idade Média, quando a Santíssima humanidade do Salvador, torna-se objeto de uma piedade mais terna e delicada, esta chaga foi para as almas contemplativas a porta pela qual buscavam para penetrar até o coração mesmo que foi ferido de amor pelos homens.³³

Houve algumas videntes que muito revelaram acerca da devoção ao Coração de Cristo. Entre estas está Santa Luitgarda, a quem Cristo revelou seu coração sangrando de amor³⁴. Matilde de Magdenburg teve a visão do Coração de Cristo e Ele lhe afirmando que no coração aberto o céu também se abriu aos homens por causa do amor de Jesus pela humanidade. Estas concepções estão ainda bastante ligadas à Paixão de Cristo, sinal do seu amor pelos homens.

Santa Gertrudes, em suas experiências místicas, começa a separar a devoção ao Coração de Jesus das demais devoções, sobretudo às que evidenciam a Sagrada Humanidade de Cristo e a sua Paixão. Para a mística, o amor é o ponto principal acerca do Coração de Cristo. Outras místicas ainda deram este enfoque sobre o Coração do Senhor.

Ainda na Alemanha, a devoção ao Coração de Jesus encontra forte difusão entre os dominicanos e beneditinos, sobretudo Santo Alberto. Para o Doutor da Igreja, a mística da Paixão está unida à Eucaristia, como dom. Ao falar do coração, o santo doutor da Igreja pensa na presença de todas as faculdades psíquicas e subjetivas de Cristo, da mesma forma que a Eucaristia, por ser presença real do Cristo todo.³⁵ Será no século XIII, que surgirá também a festa de *Corpus Christi*, que nas revelações do século XVII, será a base para a futura festa do Sagrado Coração de Jesus

Os Franciscanos, por sua vez, influenciaram bastante a devoção do Coração de Jesus como o símbolo do amor do Pai pelos homens, sobretudo por inspiração de São Boaventura. São Bernardino de Sena afirma:

³³ VERHEYLEZON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 17, T.A.

³⁴ cf. HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

³⁵ cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 138

Vamos ao Coração de Jesus, coração profundo, coração secreto, coração que não esquece, coração que ama, coração que arde de amor. A violência do amor abriu a porta, entremos: amemos como Jesus, penetremos nos segredos divinos envolvidos de toda a eternidade. A ferida do lado deixa ver o templo eterno da eterna felicidade.³⁶

Santa Catarina de Sena, Doutora da Igreja, teve grande veneração pela paixão e pelos sofrimentos de Cristo na cruz, tendo o coração como símbolo mais forte.

O laxismo religioso vivido pelo cristianismo sobretudo no século XV e meados do século XVI foi de certa forma superado pela Reforma e pelo Concílio de Trento em 1565. É no período pré-reforma (final deste século XV e início do XVI) que a devoção encontrará um maior ardor, principalmente entre os monges cartuxos alemães (sobretudo no Mosteiro de Colônia).

Um monge cartuxo chamado Landsberger, será o primeiro a fazer uma imagem do Coração de Jesus, na verdade uma imagem do coração de carne de Cristo. Porém, esta imagem tinha como objetivo divulgar a devoção às cinco chagas de Cristo, sendo a 5ª a mais importante: a chaga do lado aberto de Cristo.³⁷

Esta tradição cartuxa influencia profundamente os místicos franceses, e de maneira especial a São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal, fundadores da Ordem da Visitação de Nossa Senhora, da qual mais tarde irá fazer parte Santa Margarida Maria Alacoque. Também é desta fonte que os jesuítas alemães irão se inspirar para se tornarem propagadores da devoção ao Coração de Jesus³⁸.

Entre os grandes difusores jesuítas da devoção está Pedro Canísio. Afirma ele:

Minha alma jazia em certo modo diante de ti, sobre o solo com toda a sua impureza, desfigurado por inúmeras faltas e paixões (...) mas seguidamente me abriste teu coração em teu santo peito, e me parecia como se me viesse

³⁶ SÃO BERNARDINO DE SENA apud HAMON, A. *Coeur (Sacré)* in VILLER, M. *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

³⁷ cf. HAMON, A. *Coeur (Sacré)* in VILLER, M. *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

³⁸ cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 156

diretamente. Então ordenaste-me beber deste manancial ao convidar-me a recolher de tua fonte, Redentor meu, a água da minha salvação³⁹

Com os jesuítas esta devoção é difundida até as terras de missão, na América sobretudo. Em Guarapary, no Brasil será erguida a primeira igreja dedicada ao Coração de Jesus⁴⁰.

Muitas foram as formas de viver a devoção ao Coração de Jesus, no final do século XV e até o final do século XVI. O Padre Delmond O.P., escreve o primeiro retiro inspirado na devoção; Padre Druzbecki, o primeiro ofício (composto sobretudo por meditações e orações). Joseph de Paris, fundará a congregação das "Filhas do Calvário", tendo como carisma a vivência do Calvário junto ao peito aberto de Cristo. Este fundador cria exercícios espirituais onde as meditações às chagas de Cristo e sobretudo ao Coração de Jesus são o objeto principal⁴¹.

No entanto é no século XVII que se inicia um desejo de santidade muito grande, fruto de uma discussão teológica forte, sobre tudo no que se refere à graça, à justificação e ao livre arbítrio.⁴²

Antes, no final do século XVI, Molina, teólogo jesuíta, refuta as posições agostinianas da supremacia da graça em relação ao livre arbítrio. Diz ele que a graça é eficaz somente com a decisão do livre arbítrio. Estas discussões se dão sobretudo em Lovaina, atual Bélgica, onde um bispo chamado Jansênio, através de um grupo de religiosas começa a difundir uma espiritualidade rigorista e baseada na majestade divina e desgraça humana. Para os jansenistas, a Eucaristia não é para a santificação mas apenas uma recompensa adquirida através da mortificação, e portanto, raramente merecida.⁴³

É neste contexto de discussão acerca da misericórdia de Deus, que surgirá a necessidade de compreendê-la melhor. São João Eudes (1601-1680) se tornará um dos grandes difusores do amor afetivo de Cristo, sendo o objeto principal o Coração de Jesus. A ele deve-se o primeiro ofício litúrgico em honra do Sagrado Coração de

³⁹ SÃO PEDRO CANÍSIO apud GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 164 T.A.

⁴⁰ cf. HAMON, A. *Coeur (Sacré)* in VILLER, M. *Dictionaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

⁴¹ ibidem

⁴² Apesar de didaticamente entendermos o fim da Idade Média o século XVI, preferimos transferi-la, neste nosso estudo para o século XVII, com as aparições de Paray-le-Monial.

Jesus, com o beneplácito de muitos bispos da França, a 20 de outubro de 1672⁴⁴. Ele será o primeiro a escrever uma liturgia aprovada pela Igreja em honra ao Coração de Jesus. Para Pio X, a devoção difundida por São João Eudes ao Coração de Jesus, era como um fogo que deveria derreter o gélido invólucro do temor reverencial pregado pelo jansenismo⁴⁵.

2.3 Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690)

Até esta religiosa da Ordem da Visitação de Nossa Senhora fundada por São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal, a devoção ao Coração de Jesus tinha um caráter apenas privado. A partir de suas visões e daquilo que ela transmitiu por escrito ou por ensinamento, sobretudo às suas formandas de ordem, ela fez com que a devoção ao Coração de Jesus adquirisse um grande desenvolvimento, de forma que se distinguisse das demais formas de devoção.⁴⁶

2.3.1. Biografia⁴⁷

Santa Margarida Maria Alacoque nasceu a 22 de junho de 1647 em Autun, na França. Com a morte do pai logo quando criança, a família passa a ter dificuldades de sobrevivência. Ela então passa a viver com algumas religiosas em Charolles, no sudeste francês, onde teve início sua vida de piedade. No início da juventude vem a sofrer de uma enfermidade que a fez sofrer por 4 anos, quando atribuiu à Virgem Maria a sua cura. Logo após, volta a morar com a mãe, porém as dificuldades aumentaram. É nesta época que começa a cultivar grande devoção à Paixão de Cristo e à Eucaristia.

⁴³ cf. PIERRARD, P. *História da Igreja*, 1983, p.199

⁴⁴ cf. PIO XII, Carta Encíclica *Haurietis Aquas*, 51. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁴⁵ cf. SGARBOSSA, M.; GIOVANNINI. *Um santo para cada dia.*, 1983, 263

⁴⁶ cf. PIO XII, Carta Encíclica *Haurietis Aquas*, 15 de maio de 1956. n.º 51. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁴⁷ A biografia de Santa Margarida Maria Alacoque será baseada em GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958.

Em 20 de junho de 1671, ingressou no Mosteiro da Visitação de Paray-le-Monial, tomando o hábito em 22 de agosto do mesmo ano. Será pouco antes da profissão religiosa que vai descobrir a devoção ao coração de Jesus.

Em 6 de novembro de 1672, professa os primeiros votos. Em 4 de outubro de 1673 teve uma primeira visão mística, quando vê São Francisco de Assis revelando-se como o maior dos santos em virtude da sua semelhança ao Senhor e de sua devoção à sagrada Paixão de Cristo.

2.3.2. As aparições

A primeira aparição propriamente dita ocorreu no dia da festa de São João Evangelista, 27 de dezembro de 1673. Relata a santa:

Estando eu diante do Santíssimo Sacramento (...) senti a presença do Senhor com tal veneração que cheguei a esquecer-me de mim mesma e do lugar onde ele estava. Disse-me Ele: 'Meu divino coração está tão apaixonado de amor pelos homens e por ti em particular, que, não podendo conter em si as chamas de sua ardente caridade necessita comunicá-las por teu intermédio e manifestar-se a eles para enriquecê-los com os preciosos tesouros que te descubro, nos quais se encerram todas as graças santificantes e salutares que necessitam para apartarem-se do abismo da perdição.'⁴⁸

Diz a Santa que em todas as primeiras sextas feiras, depois disto, sentia uma dor profunda em seu coração, sentido-o como o próprio coração de Cristo aberto na cruz.⁴⁹

Já em 1674, Santa Margarida Maria recebe uma segunda revelação. Segundo ela, o coração de Jesus lhe aparece envolto em chamas e rodeado de espinhos, símbolos dos pecados da humanidade; sobre o coração uma cruz, mostrando que desde a encarnação a cruz estava nele plantada simbolizando o amor de Deus ao enviar o seu Filho ao mundo para o resgate de todos. Esta aparição do Coração de

⁴⁸ MARGARIDA MARIA ALACOQUE apud CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 650. T.A.

⁴⁹ Cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p.651

Jesus foi representada num desenho da própria santa e exposto no mosteiro de Paray-le-Monial.⁵⁰

Ainda nesta segunda aparição, Jesus lhe revela que, estas manifestações do seu coração, são como um último esforço de seu amor e que, com elas, queria favorecer os seres humanos ainda mais.⁵¹

No mesmo ano, houve uma terceira aparição de Cristo àquela monja da Visitação. Nela, Jesus revela suas cinco chagas em forma de 5 sóis, mas especialmente a que saía do peito era a mais forte e que incendiava a vidente revelando-lhe "as maravilhas inexplicáveis de seu puro amor". Dizia Cristo na aparição:

Isto é mais sensível de que quanto sofri na minha paixão. Tanto que se me devolvessem algum amor em retorno, faria tudo de novo o que por eles fiz e gostaria de fazer ainda mais se fosse possível, mas somente tenho recebido frieza e repulsas para corresponder a meus esforços de lhes fazer bem. Mas tu ao menos dá-me o prazer de suprir esta ingratidão, enquanto és capaz de fazê-las.⁵²

Para suprimir a falta de amor dos homens para com o amor de Cristo, na aparição é pedido à vidente que seja reparada através da comunhão freqüente e sobretudo nas primeiras sextas-feiras de cada mês. Nas noites de quinta-feira, entre as 23 e 24 horas, deveria ser reservado uma hora de oração, representando o momento de agonia de Cristo no Horto das Oliveiras. Diz Jesus na aparição que a santa iria sentir a mesma dor sentida por ele, a fim de que seja intercedida junto de Deus a misericórdia pelos pecadores⁵³.

A quarta aparição aconteceu em 1675, na primeira sexta-feira depois da oitava da festa de *Corpus Christi*. Nesta manifestação relata a vidente:

⁵⁰ cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 187

⁵¹ Cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 651

⁵² MARGARIDA MARIA ALACOQUE apud GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 189 T.A.

⁵³ Cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 653

Estando uma vez diante o Santíssimo Sacramento um dia após sua oitava, recebi de meu Deus graças excessivas de seu amor, e me senti movida do desejo de algum retorno e de devolver-lhe amor por amor, e me disse: 'Não poder-me-á outro amor maior do que fazendo o que lhe peço'. Então, descobrindo-me seu divino Coração: 'Eis o coração que tanto amou os homens, que nada resguardou até esgotar-se e consumir-se para atestar seu amor; e em reconhecimento não recebo da maior parte dos homens senão ingratidão e sacrilégios, por sua frieza e desprezo que têm para comigo neste Sacramento de amor. Mas o que me é mais sensível todavia, é que são corações que me estão consagrados os que assim operam. Por isto, te peço, que a primeira sexta-feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento seja dedicada uma festa particular para honrar meu coração, comungando neste dia e fazendo-lhe reparação de honra com um ato de desagravo para reparar as indignidades que recebi durante o tempo que fiquei exposto sobre os altares. Te prometo assim mesmo que meu coração se dilatará para derramar com abundância as influências de seu divino amor sobre quem lhe tributar esta honra e procurarem que lhe seja tributado.⁵⁴

A partir desta, as aparições se encerram e a vidente revela suas visões à superiora que lhe indica um diretor espiritual para ajudá-la a discerni-las⁵⁵. A ela se dirige o padre jesuíta Cláudio de la Colombière, que se torna seu confidente e lhe confirma a autenticidade de suas visões.

Depois disto, seguem-se 10 anos de silêncio, e no dizer da santa, de provações. Em 1685, Margarida Maria é nomeada mestra de noviças, quando aproveita a festa de seu onomástico, Santa Margarida, em 20 de junho, para junto às formandas honrar pela primeira vez o Coração de Jesus.

Em 1686, na 1ª sexta feira depois das oitavas do *Corpus Christi*, o convento todo celebra a festa do Coração de Jesus. Isto ocorreu, sobretudo porque os sermões do Pe. De La Colombière, nesta época já falecido, são editados em Londres, onde depois de sair de Paray-le-Monial se torna capelão. Nestes escritos, está grande parte daquilo que Margarida Maria lhe havia revelado sobre os desejos de Jesus sobre o seu coração.

A partir de então, Paray-le-Monial se torna o primeiro foco da nova devoção ao Coração de Jesus. A vidente passa a escrever muitos relatos sobre as

⁵⁴ MARGARIDA MARIA ALACOQUE apud CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p.. 654 T.A.

⁵⁵ A partir deste ponto seguiremos GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 189ss; com algumas citações de outras fontes que serão especificadas

revelações. Porém, sempre de modo privado, sendo interrompida pela morte, a 17 de outubro de 1690.

A partir da morte de Santa Margarida Maria Alacoque, os discípulos do Pe. De la Colombière serão os que darão grande impulso para a divulgação do culto, estando entre eles os padres Croiset e Galifet.

2.4 O Estudo e a Aprovação da Festa nos Séculos Posteriores.

Em 1694, o papa Inocência XII irá autorizar a festa no Mosteiro de Paray-le-Monial, concedendo a indulgência plenária aos que lá comungarem na 1ª Sexta-feira depois das oitavas do *Corpus Christi*⁵⁶.

No entanto a grande dificuldade de haver uma maior aceitação do culto se deu por vários motivos. Entre eles foi o pensamento iluminista e jansenista de então que estava bastante em evidência entre os teólogos e clérigos franceses. Contudo, a própria teologia de Pe. Galifet, que defendia o coração orgânico como sede da vida emotiva, não era aceita por Roma.

Esta reticência em reconhecer publicamente o culto ao Coração de Jesus, por parte da Sé Apostólica, possibilitou um maior estudo teológico acerca do assunto.

A parte destas discussões teológicas, nesta época o número de confrarias e irmandades em honra ao Coração de Jesus crescem vertiginosamente em toda a França e restante da Europa. Em 1698 são 18; em 1699, 29; e em 1706 passarão dos cem⁵⁷.

As aparições a Margarida Maria foram carregadas de uma catolicidade até então nunca vista acerca da devoção ao Coração de Jesus, se tornando a base do culto e da devoção atual⁵⁸.

⁵⁶ cf. HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

⁵⁷ ibidem

⁵⁸ cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 194.

Em 1720, alguns bispos franceses aprovam para suas dioceses o culto diocesano da festa do Coração de Jesus na data pedida nas aparições. Em 1722, o Pe. Galifet, na época já assistente geral dos jesuítas, pede a Roma a autorização para a missa do Coração de Jesus, que foi recusada.

Será em 1765, que conseguir-se-á, junto à Sagrada Congregação para os Ritos, a autorização da missa do Coração de Jesus, contudo apenas para a Polônia, Ordem da Visitação e Confraria do Coração de Jesus em Roma. A Congregação deixa claro contudo que o culto deve renovar simbolicamente a memória do amor que fez o Filho de Deus tomar a natureza humana, sendo o símbolo deste amor o seu divino coração.

Com o advento da Revolução Francesa, o culto vem a sofrer diversas baixas, em vista que os revolucionários buscavam destruir o sentimento religioso do povo, sendo o culto ao Coração de Jesus um dos mais fortes.⁵⁹

Mas em 1856, o papa Pio IX, através da Sagrada Congregação para os Ritos autoriza a festa para toda a Igreja, definindo a data da 1ª sexta-feira depois da Oitava do *Corpus Christi*.

Em 1899, o Papa Leão XIII com a Encíclica "Annum Sacrum", consagra o gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus, em contrapartida aos erros modernos.

Em 1928, Pio XI escreve a encíclica "Misericordissimus Redemptor", sobre a expiação que todos devem ao Sagrado Coração de Jesus, formando com ela uma oração de expiação e elevando a devoção a festa de primeira categoria com festa de Oitavas (que é revogada pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II).

Mais tarde o Papa Pio XII, escreve a encíclica "Haurientis Aquas" sobre o culto ao Sagrado Coração de Jesus, buscando fundamentar o motivo da devoção na Igreja. As sucessões de papas, sempre valorizaram profundamente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O papa João Paulo II disse sobre a devoção:

⁵⁹ HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

Durante minha peregrinação em 1986 à tumba de Santa Margarida Maria, pedi que, dentro do espírito que ela transmitiu à Igreja, o culto ao Sagrado Coração, fosse fielmente restaurado. Porque é no Coração de Cristo que o coração humano aprende a conhecer o verdadeiro e único significado de sua vida e seu destino. É no coração de Cristo que o coração do homem recebe a capacidade de amar.⁶⁰

2.5 A Devoção do Sagrado Coração no Brasil

Desde o século XVI os jesuítas haviam assumido uma posição de destaque no que concerne à divulgação da devoção ao coração de Jesus. Com o partir em missão de numerosos filhos de Santo Inácio, a devoção se espalha por quase todo o mundo, alcançando eco em terras asiáticas, africanas e americanas.

No Brasil será erguida a primeira igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, em Guarapary, pelo Pe. Anchieta. No sul, no século XIX, a imigração europeia, e sobretudo a alemã, permitirá uma maior participação dos jesuítas alemães na vida religiosa brasileira, o que ajudou profundamente a difundir a devoção.

Mas será com o surgimento do Apostolado da Oração que a devoção irá desenvolver-se de forma mais popular na fé do povo brasileiro⁶¹.

Atualmente em todo o Brasil, existem milhares de Igrejas dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus. Muitos destes são santuários que recebem uma afluência constante de peregrinos, dispostos a demonstrarem sua fé na misericórdia e no amor de Deus, simbolizados na imagem do Coração de Jesus. Exaltamos sobretudo, o Santuário Sagrado Coração de Jesus, de São Leopoldo. A Arquidiocese de Porto Alegre possui 5 paróquias dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, diversos templos de culto e casas de formação e retiros que têm o Coração de Jesus como patrono.

⁶⁰ JOÃO PAULO II, *Carta a Mons. Seguy*, bispo de Autun, 22 de junho 1990. Fonte: www.vatican.va

⁶¹ Isto será mais desenvolvido quando falarmos sobre o Apostolado da Oração.

3 PRÁTICAS DA DEVOÇÃO E O APOSTOLADO DA ORAÇÃO

3.1 Consagração e Expição ou Reparação

O ato de consagração e reparação ao Sagrado Coração de Jesus, foi um desejo expresso por Cristo, segundo as manifestações à Santa Margarida Maria Alacoque, quando ele pede a esta que sejam reparadas todas as injúrias e difamações que sofre por parte da ingratidão dos homens em relação à sua sagrada Paixão.

Em referência à consagração, segundo a encíclica "Misericordissimus Redemptor" de 1928, o sentido da consagração ao Coração de Jesus é devolver aquilo que é de Deus, contra uma tendência de combate contra Deus e o desejo do reinado de Cristo sobre tudo, contra uma secularização que busca o afastamento de Deus dos aspectos mais hodiernos.

Mas junto à consagração, se faz necessária a reparação, ou seja, de compensar as ofensas ao amor incriado de Deus.

...estamos obrigados ao dever de reparar e expiar: de justiça, enquanto a expiação da ofensa a Deus por nossas culpas e enquanto a integração da ordem violada; de amor, enquanto a padecer com Cristo paciente e saturados de opróbrios e, segundo nossa pobreza, oferecer-lhe consolo.⁶²

A reparação ajuda a consagração apagando as culpas, fazendo com que os fiéis se tornem participantes dos padecimentos de Cristo e oferecendo sacrifícios pelos irmãos.

⁶² Pio XI, Carta Encíclica *Misericordissimus Redemptor*, 8 de maio de 1928, nº 5. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_08051928_misericordissimus-redemptor_sp.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

3.2 Ladainha

A Ladainha ao Coração de Jesus foi aprovada por Leão XIII em 2 de abril de 1899, alguns meses antes da sua encíclica "Annum Sacrum", quando ele consagrou todo o gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus, reconhecendo-a com oração litúrgica estimada pela Igreja. Ela foi inspirada em algumas invocações que alguns místicos formularam desde o século XVII. Um destes místicos foi Madre Soideilles, superiora da Visitação de Moulin (França) em 1686. Junto a estas foram incorporadas outras invocações originadas no convento de Marselha e do Pe. Croiset, teólogo e difusor da devoção do Coração de Jesus em 1718⁶³.

A Ladainha nada mais é do que os conceitos a cerca da devoção. João Paulo II afirma que é "através do Coração de Jesus que lemos o eterno plano divino da salvação do mundo, é um projeto de amor" e a ladainha "contém toda esta verdade"⁶⁴.

Diz ainda Verheylezoon e Tassarolo,

A Ladainha aprovada se impõe também a respeito da devoção fiducial dos fiéis pela fonte divina de cuja expressão se faz presente no coração. Se pode dizer que todas as invocações provêm dos livros santos.⁶⁵

A Ladainha quer enumerar e tornar visível as virtudes do Coração de carne de Cristo, como sinal do amor do Redentor. Quer também exaltar o coração espiritual, que com o coração de carne forma o único salvador dos homens.

Estruturalmente, alguns teólogos, dividem as 33 invocações da Ladainha em duas partes: a primeira diz respeito ao que o coração é em si mesmo (1-16); a segunda parte é referente aquilo que diz respeito a nós (17-33)⁶⁶. Gutzwiller divide-a em 3 partes: a primeira refere-se ao Coração de Jesus na sua relação com Deus (1-

⁶³ Cf. VERHEYLEZOON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 273

⁶⁴ JOÃO PAULO II, Homilia no encontro de oração para o ato de devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Elblag, 6 de junho de 1999, n° 2. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/travels/documents/hf_jp-ii_hom_06061999_elblag_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁶⁵ VERHEYLEZOON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 275, T.A.

⁶⁶ idem, p. 275 et RICHSTÄTTER, C. *O Coração do Salvador do Mundo*, 1941, p. 23

7); a segunda parte em relação a si mesmo (8-16); e a terceira parte em relação aos homens (17-33)⁶⁷.

Citamos o que diz Richstätter acerca das invocações ao Coração de Jesus

Nas 33 invocações desta Ladainha salienta-se dum modo todo especial a quintessência, a vida interior do Senhor, de seu Coração espiritual. Cheio de majestade infinita, aparece o Coração do salvador como o templo de Deus, no qual estão escondidos os tesouros de sabedoria e de ciência; como um receptáculo de justiça e de amor e como um abismo de todas as virtudes, de modo que o Pai põe nele a sua mais viva complacência. Para com os homens é cheio de bondade e de amor, cheio de paciência e de muita misericórdia, a tal ponto que se entrega e se substitui aos pecadores como vítima de propiciação pelos pecados. Feito obediente até a morte, foi, com inexprimível dor interior, saturado de opróbrios, até triturado por causa de nossos crimes. Tudo isso torna-se visível aos nossos olhos no Coração carnal do Senhor, que foi formado pelo Espírito Santo no seio da Santíssima Virgem, e na cruz traspassado pela lança. Substancialmente unido com o Verbo de Deus, o Coração do Senhor, tanto o visível como o invisível, é digno de ser por todos adorado e venerado. Para todos que se dirigem com confiança a este coração, ele é rico em misericórdia. Por suas graças e seus exemplos torna-se uma fonte de vida e de santidade; no sofrimento, a fonte de perfeita consolação; aos pecadores oferece paz e reconciliação. Na hora da morte, enfim, ele é a esperança dos moribundos e no céu desejado dos anjos e as delícias de todos os santos⁶⁸.

3.3 Primeira Sexta-feira do Mês⁶⁹

Na terceira aparição em 1674, Jesus pede a Santa Margarida Maria, que lhe seja elevado um tributo de reparação pelos sofrimentos da sua Paixão e também pela ingratidão de todos quantos não reconhecem o seu amor. Para isto, pede que, em todas as primeiras sextas-feiras do mês, participem da Eucaristia e façam a Comunhão reparadora.

Além disto, numa carta da santa a uma antiga superiora, Madre Saumaise, diz ela que um dia durante a Eucaristia, Jesus lhe havia dito a promessa de "que todos os que comungarem nas primeiras sextas-feiras do mês, por nove meses

⁶⁷ cf. GUTZWILLER, K. *Las Letanías de lo Corazón de Jesús*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 275-300

⁶⁸ RICHSTÄTTER, C. *O Coração do Salvador do Mundo*, 1941, p. 22-23

⁶⁹ Seguiremos este ponto sobretudo VERHEYLEZON, L.; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 248-251

consecutivos, daria a graça da penitência final, e não morreriam em pecado sem receber os sacramentos".

É bom ter em conta que na altura das aparições a Santa Margarida Maria, a comunhão era raramente recebida, especialmente na França, por causa da heresia dos Jansenistas, e só muito mais tarde é que se começou a recomendar a comunhão freqüente.

Esta prática hoje é bastante seguida pela Igreja, com o intuito de ligar os fiéis ao grande sacramento de amor de Cristo, a Eucaristia.

3.4 Hora Santa

A oração da "Hora Santa" surgiu com Santa Margarida Maria Alacoque, a partir da terceira aparição em Paray-le-Monial. Segundo ela, Jesus lhe havia pedido que nas noites de quinta-feira, entre as 23 e 24 horas, deveria ser reservado uma hora de oração, representando o momento de agonia de Cristo no Horto das Oliveiras, mas que na época atual, sofria ainda mais em vista da ingratidão por parte dos homens.

Diz a Santa, que Cristo lhe pediu que em todas as noites da Quinta-feira à Sexta-feira despertasse na hora indicada para recitar cinco "*Pater Ave*", prostrada com a face por terra, com cinco atos de adoração que já lhe havia ensinado para render consolação à imensa dor que lhe oferecem na noite da Paixão⁷⁰.

Em 1933, o papa Pio XI, reconhecendo a validade da oração, faz a Hora Santa em Roma, em ocasião do Ano Santo por ele instituído. Dizia o papa na Encíclica "*Miserentissimus Redemptor*" de 1928:

Para reparar estas e outras culpas, recomendou (Nosso Senhor à Santa Margarida Alacoque) entre outras coisas que os homens comungassem com o desejo de expiar, ao que chamam de Comunhão Reparadora, e as súplicas e preces durante uma hora, que propriamente se chama Hora

⁷⁰ VERHEYLEZON, L.; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. T.A.

Santa; exercícios de piedade que a Igreja não só aprovou, que enriqueceu com copiosos favores espirituais⁷¹.

A Hora Santa tem como objetivo a oração em união à Paixão de Cristo no Monte das Oliveiras. Segundo Verheylezoon e Tessarolo, a hora Santa é manifestar a nossa compaixão e agradecimento a Jesus por ter suportado toda a dor por nosso amor.⁷² Mas meditando as causas do sofrimento de Cristo, e reparando-o com nosso amor.

A Igreja procura, sem cessar, esta hora perdida no Jardim das Oliveiras, perdidas por Pedro, Tiago e João, para reparar este deserto e esta solidão do Mestre que assumiu seu sofrimento... Jesus nos permite em qualquer sorte, de lhe encontrar continuamente nesta hora irreversível, humanamente falando, e, como já dito, ele nos convida a tomar parte à oração de seu coração que abraça todas as gerações humanas⁷³.

3.5 Apostolado da Oração⁷⁴

O Apostolado da Oração nasceu numa casa de estudos da Companhia de Jesus em Vals, perto de Le Puy, na França no dia 3 de dezembro de 1844, pelo Pe. François Xavier Gautrelet S.J., quando este explicou a um grupo de estudantes que através da oração e do sacrifício era possível auxiliar na salvação das almas. Através deste ensinamento, os estudantes passaram a colocar em prática e a unirem-se numa associação, que daria origem ao nome de "Apostolado da Oração".

Esta associação foi aprovada pelo Bispo de Le Puy a 1845. Em 1849, o papa Pio IX, concedeu-lhes as primeiras indulgências. No entanto será o sucessor de Pe. Gutrelet, Pe. Henrique Ramière S.J., que irá divulgar profundamente a associação, sobretudo com o Livro "*O Apostolado da Oração, santa liga de corações cristãos unidos ao Coração de Jesus*". A revista oficial do movimento, o *Messageiro do Coração de Jesus*, teve seu primeiro número em francês neste mesmo ano,

⁷¹ PIO XI, Carta Encíclica *Miserentissimus Redemptor*, 8 de maio de 1928, n° 9. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_08051928_miserentissimus-redemptor_sp.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁷² VERHEYLEZOON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 256, T.A.

⁷³ WOYTILA. C. Disponível em <http://www.sanctuaires-paray.com/sanctuaires-paray/message-paray-monial/message.php>. Acessado em 15 de agosto de 2006.

passando a ser editada em outras línguas nos anos seguintes: 1864 na Itália; 1865 na Áustria; em 1866 nos Estados Unidos e na Espanha; em 1867 na Hungria e na Colômbia, etc.

Na morte do Pe. Ramière, em 1883, o Apostolado da Oração contava no mundo todo com mais de 35 mil centros com mais de 13 milhões de associados.

No Brasil, a primeira associação do Apostolado da Oração foi fundada no dia 30 de junho de 1867, no Recife (PE), na Igreja de Santa Cruz, administradas pelos padres jesuítas, chegados a Pernambuco em 1865. O fundador e primeiro diretor foi o Pe. Bento Schembri S.J. Na cidade de Itu (SP), coube ao Pe. Bartolomeu Taddei S.J., fundar o primeiro centro do Apostolado da Oração em 1871.

Pelo fato de ter fundado pelo Brasil outros centros e grupos do Apostolado da Oração, Pe. Taddei é considerado o fundador e o mais eminente divulgador do Apostolado em terras brasileiras.

Este mesmo sacerdote irá promover a edição em português para o Brasil da Revista "*Mensageiro do Coração de Jesus*" em 1896. Em 1900 realiza-se na Bahia o primeiro Congresso, seguido de outros no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Na primeira metade do Século XX, o Apostolado da Oração viu-se converter na Associação Católica mais presente em todas as dioceses brasileiras. Será o Apostolado que irá incentivar a Consagração do Brasil ao Sagrado Coração de Jesus em 1956, por ocasião do 36º Congresso Eucarístico Internacional.

O objetivo principal do Apostolado da Oração é a participação da Missa como oferecimento cotidiano e do culto do Coração de Jesus, sinal do seu amor pela humanidade, e a sua devida reparação pelos pecados próprios e do mundo.

Tem como estrutura básica, e que consta em seus estatutos:

1. O Apostolado da Oração tem uma estrutura própria, embora adaptável às diversas condições.

⁷⁴ Seguiremos sobretudo APOSTOLADO DA ORAÇÃO. *Manual do Coração de Jesus*., 1983 p. 7-30

2. O Diretor Geral do Apostolado da Oração é o padre Geral da Companhia de Jesus. Os diretores nacionais participam do governo do Apostolado em comunhão com o Diretor Geral.
3. Em cada diocese, deve ser nomeado pelo bispo um diretor diocesano que seja sacerdote, que por sua vez erige os Centros locais e nomeia os diretores locais, estes sacerdotes ou religiosos ou leigos.
4. Para se tornar membro do apostolado da Oração, é necessário requerer por inscrito, ou alguma outro ato externo de entrada no Apostolado.
5. Nas paróquias existem os zeladores que são os promotores e divulgadores do Apostolado na comunidade.

4 A TEOLOGIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

4.1 O Objeto da Devoção

4.1.1 O Coração Humano de Cristo

O termo "coração" designa o centro radical mais íntimo da totalidade da pessoa dotada de alma e corpo⁷⁵. O mesmo se entende do Coração de Jesus, que designa a pessoa de Cristo dotada de sentimentos e vontade, e por assim dizer, traduz todo o seu interior.

Em Cristo no entanto, encontra-se um aspecto especial, visto que sua humanidade está unida hipostaticamente ao Verbo de Deus. Pio VI, na Bula *Auctorem Fidei*, onde condena as posições jansenistas por considerarem ilícitas o culto ao Coração de Jesus, afirma que o culto ao coração físico de Cristo honra o coração do Verbo que está unido à carne na pessoa⁷⁶.

O mesmo é afirmado por Pio XII na Encíclica *Haurentis Aquas*:

[A devoção ao Sagrado Coração de Jesus] funda-se no fato de, sendo o seu coração parte nobilíssima da natureza humana, estar unido hipostaticamente à pessoa do Verbo de Deus, e, portanto, dever-se-lhe tributar o mesmo culto de adoração com que a Igreja honra a pessoa do próprio Filho de Deus encarnado. Trata-se, pois, de uma verdade de fé católica, solenemente definida no concílio ecumênico de Éfeso e no II de Constantinopla.⁷⁷

⁷⁵ cf. RAHNER, K. *Algunas Tesis acerca de la devoción ao Sagrado Corazón de Jesús*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 232

⁷⁶ cf. VERHEYLEZON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 57

⁷⁷ PIO XII, Carta Encíclica *Haurentis Aquas*, 15 de maio de 1956, nº 12. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

A Igreja venera o Coração de Jesus por ser o centro íntimo de Cristo unido à sua divindade. Por estar unido à natureza humana, o Verbo de Deus teve sentimentos, amou sensivelmente os homens. Por isso quando Jesus nos ama, nos ama como Deus e homem.⁷⁸

O objeto do culto particular ao Coração de Jesus é seu coração real divino e humano, a afetividade divina, vontade e sentimentos que não implicam imperfeição em seu conceito identificados na essência de Deus, e a afetividade humana, sua capacidade de sentir e querer, e esta com o coração físico como parte principal de seu órgão para a reação orgânica que acompanha às emoções.⁷⁹

O coração físico e humano de Cristo, unido ao coração do Verbo de Deus, é o centro radical e íntimo de Cristo.

Outro aspecto importante a ser realçado sobre o coração humano de Jesus, diz respeito ao coração físico traspassado de Cristo. Esta imagem do coração traspassado, como visto anteriormente, foi bastante refletida no período da Patrística.

Percebem-se nesta reflexão, os aspectos da Paixão de Cristo que manifestou seu amor aos homens e a vontade salvífica de Deus na Cruz, e cuja centralidade está no lado aberto de Cristo. São Bernardo no século XIII vê na ferida do costado de Cristo o sinal visível do amor invisível de Deus⁸⁰.

Diz Calveras, que o lado aberto de Jesus na cruz se tornou símbolo forte do amor de Cristo pelos homens⁸¹. Isto por que o coração traspassado pela lança do soldado (cf. Jo 19, 33-34) foi o sinal mais palpável da entrega total de Cristo.

João Paulo II, unindo estes dois aspectos que acabamos de descrever, afirma que, sendo o coração símbolo do interior do homem, a abertura do lado de Cristo quer relacionar-se com isto, pois movido pelo amor Cristo deixou-se

⁷⁸ cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devoción al Corazón de Jesus*, 1955, p. 93

⁷⁹ CALVERAS, J. *Los Elementos de la devoción al Corazón de Jesus*, 1955, p. 95

⁸⁰ cf. STIERLI, Josef (Org.). *Valores Dogmáticos de la devoción al Corazón de Jesús*. In: Idem, *Cor Salvatoris*, 1958, p. 302

⁸¹ Cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devoción al Corazón de Jesus*, 1955, p. 94

traspasar pela lança, e ao mesmo tempo revelou o coração do Verbo, inflamado de amor para com a humanidade⁸².

4.1.2 Coração Divino de Cristo

Estando unido ao Verbo de Deus, o Coração de carne de Jesus traz as mesmas qualidades divinas que o caracterizam. Por razões didáticas, vamos descrever alguns elementos importantes, sobre o aspecto divino do Coração de Jesus⁸³.

O Coração divino de Cristo tem a sua participação nos sentimentos de Deus acerca do ser humano, de extremo amor e entrega, a fim de levá-lo a conhecer a vontade salvífica de Deus.

Enquanto vemos, no símbolo do coração traspassado e que mana sangue, o sinal da entrega absoluta, reconhecemos através desta porta o mesmo amor divino que se dá.⁸⁴

Por isso afirma-se que a devoção ao Coração de Jesus é também devoção ao amor incriado de Deus, diante de tudo o que isto quer revelar, sobremaneira a perfeição divina, cheia de misericórdia, amor e graça para com o ser humano.

Do mesmo modo, percebe-se a manifestação plena da caridade divina, em vista da salvação do gênero humano, através da encarnação, paixão, morte e ressurreição do Filho de Deus, e pela qual tomaram parte as três Pessoas divinas. O evangelista João isto manifesta quando afirma que: "Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho Único para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (3,16).

⁸² cf. JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 20 de junho de 1979, n° 2. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790620_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁸³ Seguiremos sobretudo CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 94

⁸⁴ STIERLI, Josef (Org.). *Valores Dogmáticos de la devoción al Corazón de Jesús*. In: Idem, *Cor Salvatoris*, 1958, p. 304

O Hino das Vésperas da Solenidade da Festa do Sagrado Coração de Jesus o expressa:

Ó Cristo, autor deste mundo,
Que redimis terra e céus,
Da luz do Pai sois a luz
Deus verdadeiro de Deus.

O amor vos fez assumir
O nosso corpo mortal
E, novo Adão, reparastes
Do velho a culpa fatal.

O vosso amor, que criou
A terra, o mar e o céu,
Do antigo mal condoído,
Nossas cadeias rompeu.

Diz ainda Calveras:

Veja-se como este culto nos leva a venerar o mais alto de nossa religião, as divinas perfeições e a obra da redenção, mais que em sua realização exterior, em sua mesma raiz e origem, a caridade e misericórdia infinita da Santíssima Trindade para com o decaído gênero humano⁸⁵.

4.1.3 A Imagem do Sagrado Coração de Jesus

Dando força a esta concepção acerca do objeto da veneração, ou culto de latria segundo o Papa Pio XII⁸⁶, na devoção ao Coração de Jesus, a imagem descrita por Santa Margarida Maria Alacoque, e reconhecida pela Igreja, manifesta também todo carácter simbólico pelo qual os fiéis veneram o Coração de Cristo⁸⁷.

No entanto, esta imagem do Coração de Jesus, não é a primeira e a única entre os devotos. Na verdade desde a Idade Média, apresentam-se representações

⁸⁵ CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 110 T.A.

⁸⁶ PIO XII, Carta Encíclica *Haurentis Aquas*, 15 de maio de 1956, n° 12. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁸⁷ cf. CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 99

do Coração de Cristo, se bem que com uma influência do culto de inspirado em São João⁸⁸.

Houve, contudo, uma busca em expressar o Coração de Jesus dentro daquilo que foi reconhecido pela Igreja. De uma maneira geral, visou-se expressar a caridade divina e humana de Cristo em relação ao seu coração, símbolo máximo de seu amor para com os homens. Citando ainda o papa Pio XII, na Encíclica *Haurentis Aquas*, afirma que "a veneração da imagem do Coração de Jesus é veneração ao amor do Verbo encarnado", sendo limitada porém uma representação perfeita do amor com o qual o Cristo amou a humanidade.⁸⁹

A imagem porém reconhecida pela Igreja é aquela descrita e representada por Santa Margarida Maria, e que foi exposta em seu mosteiro de Paray-le-Monial. Segundo ela Jesus lhe apareceu com o coração envolto em chamas e rodeado de espinhos, símbolo dos pecados da humanidade e sobre o coração uma cruz, simbolizando que desde a encarnação a cruz estava nele plantada simbolizando o amor de Deus ao enviar o seu Filho ao mundo para o resgate de todos⁹⁰.

Richstätter, afirma que não há problemas em representar o Coração de Cristo unido ao seu corpo, visto que Santa Margarida Maria, o representou isolado. Porém, diz este autor, que não seria uma representação do Coração de Jesus, ser pôr em evidência o seu coração, já que "Santa Margarida Maria Alacoque viu o divino coração, quer no peito do Senhor, quer sobre ou ante o peito"⁹¹, ou seja, nas suas visões o que mais lhe chamou a atenção foi o aspecto do coração de Cristo, na forma como lhe foi apresentado, independente se explicitamente visível, ou não.

De uma maneira geral, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, quer expressar o aspecto simbólico do interior de Cristo e sobretudo, o seu amor para com todos os seres humanos.

⁸⁸ cf. RICHSTÄTTER, C. *O Coração do Salvador do Mundo*, 1941, p. 92

⁸⁹ cf. PIO XII, Carta Encíclica *Haurentis Aquas*, 15 de maio de 1956, n° 58. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁹⁰ cf. GRABER, R. *Lo que es la Devoción ao Sagrado Corazón de Jesús?*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 187

⁹¹ cf. RICHSTÄTTER, C. *O Coração do Salvador do Mundo*, 1941, p. 92

4.2 Aspectos Dogmáticos da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Dentro do visto até agora, cabe apresentar alguns aspectos dogmáticos sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Bem o sabemos que a fé necessita do dogma para se firmar, e que as devoções, sejam elas quais forem, devem levar à fé, sabemos que para isto, precisa estar fundamentada em dogmas que a fortifiquem e a justifiquem.

Num primeiro momento deve-se levar em conta que a devoção ao Coração de Jesus, segundo aquilo que foi revelado em Paray-le-Monial privadamente e depois assumido pela Igreja, em nada acrescenta ao depósito da fé, mas a ele se volta para fortalecê-lo⁹².

4.2.1 O Coração de Jesus e o plano de amor de Deus

O Evangelho de João (3,16) diz que "Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho Único para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Esta verdade sobre o amor de Deus pelos homens é o grande centro da fé Cristã. São João, afirmará ainda que "Deus é amor" (1Jo 4,8.16), revelando que o próprio Ser de Deus é Amor. "Ao enviar na plenitude dos tempos, seu Filho único e o Espírito de Amor, Deus revela o seu segredo mais íntimo: Ele mesmo é intercâmbio de amor: Pai, Filho e Espírito Santo"⁹³.

Bento XVI, na Encíclica *Deus Caritas Est*, afirma que:

Na sua morte de Cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual ele se entrega para levantar o seu humano e salvá-lo - o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19,37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta carta encíclica: "Deus é amor" (1Jo, 4,8). É lá que tal verdade pode ser

⁹² cf. RAHNER, K. *Algunas Tesis acerca de la devoción ao Sagrado Corazón de Jesús*. In: STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*, 1958, p. 224

⁹³ CATECISMO, 221

contemplada. E começando de lá, pretende-se, agora, definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.⁹⁴

Seguindo esta afirmação, percebe-se que o Cristo crucificado e com o coração aberto é o sinal mais visível da expressão "Deus é amor".

O amor de Deus se revela ao enviar o seu Filho ao mundo e formando nele um coração humano que ao mesmo tempo era divino, e com este coração amou o homem, até o fim e ao esgotamento, tornando-o a prova do seu amor. O Filho, por sua vez, entrega o seu coração para ser traspassado porque a Lei do Pai (de salvar a humanidade) está no seu coração (cf. Salmos 119(118), 11) e seu desejo é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 5,31b)⁹⁵. É por isso que o Coração de Jesus foi aberto: para que fosse manifestado a dimensão do amor de Deus.⁹⁶

Nas revelações de Paray-le-Monial, percebe-se mais claramente a relação entre o Coração de Cristo e o amor de Deus, manifestado na Paixão. Relata Santa Margarida Maria, que em uma das aparições de Cristo, Ele lhe expressa: 'Eis o coração que tanto amou os homens, que nada resguardou até esgotar-se e consumir-se para atestar seu amor'⁹⁷.

Em vista disto, a Igreja ao longo do tempo foi manifestado seu apreço pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por esta estar intimamente ligada ao amor de Deus, no seu Filho Jesus Cristo. Clemente XIII, em 1765, ao aprovar pela primeira vez o culto parcial do Coração de Jesus, diz que a devoção "recorda aos fiéis com maior piedade e fervor do amor de Cristo, que sofre e morre pela redenção do gênero humano"⁹⁸.

Pelo mesmo caminho afirma Pio XII:

⁹⁴ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, 25 de dezembro de 2005, n.12,. Paulinas, 2006

⁹⁵ cf. STIERLI, Josef (Org.). *Valores Dogmáticos de la devoción al Corazón de Jesús*. In: Idem, *Cor Salvatoris*, 1958, p. 305

⁹⁶ cf. JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 20 de junho de 1979, n° 3. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790620_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

⁹⁷ Margarida Maria Alacoque apud CALVERAS, J. *Los Elementos de la devocion al Corazón de Jesus*, 1955, p. 654

⁹⁸ VERHEYLEZON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 66

Com toda a segurança podemos contemplar e venerar no coração do Redentor divino a imagem eloqüente da sua caridade e o testemunho da nossa redenção, e como que mística escada para subir ao amplexo de Deus nossa Salvador⁹⁹.

Ou seja, é possível contemplar e adorar o amor incriado de Deus no objeto do Coração de Jesus, visto que ele é imagem do amor divino do Verbo de Deus¹⁰⁰. A devoção ao Coração de Jesus é devoção ao amor, para o amor e no amor¹⁰¹, pois nela a Igreja contempla o amor verdadeiro de Deus¹⁰².

4.2.2 O Coração de Jesus e a Redenção

Fazendo uma ligação com o aspecto que falamos anteriormente, afirmamos que o mistério da Redenção divina é antes de tudo mistério do amor de Deus. Este amor, se revela na encarnação e na obra de salvação levada a cabo por Cristo na Cruz. Esta dupla revelação é relatada por São João, no episódio da lança no lado de Cristo (19,33-37). Nele, o evangelista traz as duas realidades presentes na obra de salvação: a encarnação, pois realmente o coração de Cristo foi perfurado; e a redenção, pois pela morte de Cristo, atestada pelo evangelista como verdadeira (v. 35), veio a salvação para com o gênero humano¹⁰³.

Nossa redenção não se efetuou só em espírito, senão também na carne daquele que se fez homem, deste corpo de Cristo morto na cruz, do sangue de um coração entregue totalmente (1Jo 5,6)¹⁰⁴.

⁹⁹ PIO XII, Carta Encíclica *Haumentis Aquas*, 15 de maio de 1956, n° 28. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

¹⁰⁰ cf. CARRAUD, Vicent. Coração in LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, 2004

¹⁰¹ cf. HAMON, A. Coeur (Sacré) in VILLER, M. *Dictionnaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*, 1953

¹⁰² cf. JOÃO PAULO II, Homilia no encontro de oração para o ato de devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Elblag, 6 de junho de 1999, n° 3. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/travels/documents/hf_jp-ii_hom_06061999_elblag_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

¹⁰³ cf. STIERLI, Josef (Org.). *Valores Dogmáticos de la devoción al Corazón de Jesús*. In: Idem, *Cor Salvatoris*, 1958, p. 309

¹⁰⁴ ibidem

Pio XII, na encíclica *Haurentis Aquas*, afirmara que desde a anunciação, quando Maria declarou o *fiat*, o Coração de Jesus começou a bater de amor, e assim permaneceu ao longo de sua vida, revelando ao mundo o plano salvífico de Deus. O mesmo ocorre na Paixão de Cristo, quando livremente se entrega por amor, estando no coração traspassado o símbolo desta entrega total pela humanidade¹⁰⁵.

O Coração de Jesus, revela-se dentro de todo o mistério de Cristo e da vontade salvífica de Deus Pai para com a humanidade. Desde o plano de enviar seu Filho ao mundo, formando-lhe um corpo humano perfeito, igual a tudo aos homens, menos no pecado (cf. Hb 4,15), até a condenação e morte de cruz, na qual o coração traspassado se torna o ícone mais forte da entrega de Cristo e do seu amor ao Pai.

Durante séculos, a ferida do coração sacratíssimo de Jesus, morto já para esta vida mortal, tem sido a imagem viva daquele amor espontâneo com que Deus entregou seu unigênito pela redenção dos homens, e com o qual Cristo amou a todos tão ardentemente que a si mesmo se imolou como hóstia cruenta no Calvário: 'Cristo amou-nos e ofereceu-se a Deus em oblação e hóstia de odor suavíssimo'¹⁰⁶.

Sendo pois a entrega na cruz como uma prova excelsa do amor de Cristo pela humanidade e sobretudo pelo Pai, e esta entrega motivando um apreço todo especial deste por seu Filho, percebe-se do amor de ambos o fruto supremo que é o Espírito Santo¹⁰⁷.

Este amor infuso sobre os apóstolos no dia de Pentecostes enche-os da abundância da caridade divina e dos demais carismas celestes. Ora do coração de Cristo estão encerrados "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (cf. Cl 2,3), sendo pois do seu coração aberto e que jorra água a fonte dos dons do Espírito Santo.

¹⁰⁵ cf. PIO XII, Carta Encíclica *Haurentis Aquas*, 15 de maio de 1956, n° 30-33. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html. Acessado em 15 de agosto de 2006.

¹⁰⁶ Idem, 39

¹⁰⁷ cf. STIERLI, Josef (Org.). *Valores Dogmáticos de la devoción al Corazón de Jesús*. In: Idem, *Cor Salvatoris*, 1958, p. 309

4.2.3 O Coração de Jesus e a Igreja

Outro aspecto que achamos importante refletir neste ponto é a relação entre a Igreja e o Coração de Jesus, visto que a Igreja é sacramento de Salvação, além do que, seguindo uma reflexão já despertada pelos Santos Padres, do lado de Cristo, traspassado pela lança na cruz, milhares de fiéis viram o nascimento da Igreja.

Na verdade, os Padres viram no lado aberto de Cristo a relação com Adão, o primeiro dos pais, que no sono em si insuflado por Deus, teve retirada da sua costela a Eva, a mãe de todos os viventes. Os doutores da Patrística, perceberam aí a ligação com Cristo, o segundo Adão, que no seu sono da Cruz, fez nascer do seu lado aberto a nova Eva, a Igreja, seu Corpo Místico.

A água e o sangue que jorram do lado traspassado de Cristo, são sinais prefigurativos dos sacramentos, sobretudo do Batismo e da Eucaristia, pelos quais os fiéis nascem para a vida divina.

É nos sacramentos que percebe-se os cuidados maternais da Igreja para com os seus Filhos, que busca, do lado aberto de Cristo na cruz, nutrir os fiéis com os sacramentos¹⁰⁸.

4.3 O Coração de Jesus e a Eucaristia

A Eucaristia sempre esteve bastante ligada à devoção ao Coração de Jesus, sobretudo depois das manifestações à Santa Margarida Maria Alacoque, no século XVII em Paray-le-Monial. É em vista disto que resolvemos dedicar o último ponto deste trabalho aos aspectos eucarísticos da devoção ao Coração de Jesus.

A Eucaristia é fonte e ápice de toda a vida eclesial, contendo nela mesma todo o bem espiritual da Igreja, que é o próprio Cristo¹⁰⁹. Este sacramento é

¹⁰⁸ idem, 314

¹⁰⁹ cf. CATECISMO, 1324.

memorial da paixão de Cristo e de sua entrega por amor aos homens. A Constituição *Sacrossantum Concilium*, do Concílio Vaticano II, fala da Eucaristia:

Na última ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando destarte à Igreja, sua dileta esposa, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento do amor, sinal da unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Cristo é recebido como alimento, o espírito é cumulado de graça e nos é dado o penhor da glória futura.¹¹⁰

Cristo ao instituir a Eucaristia, quis unir o pão e o vinho ao sacrifício da cruz, dando com isso testemunho de sua caridade infinita. Isto percebe-se sobretudo no desejo de cear com os discípulos manifestando o seu amor e a sua compaixão para com os homens (cf. Lc 22,15).

Na Eucaristia, Ele manifestou o seu amor ao extremo, até o ponto de querer ficar em meio a nós, junto a nós até a consumação dos séculos, renovando continuamente o sacrifício da Cruz em um mudo incruento, mas real, unir-se mais intimamente com cada um de nós na sagrada Comunhão¹¹¹.

Sendo memorial do ato de amor de Cristo para com a humanidade decaída, a Eucaristia se torna um sacramento de amor, como bem revela o Concílio. Pode-se dizer assim que a Eucaristia é dom do Coração de Jesus, a obra-prima do seu amor¹¹².

Um outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito, ao que já foi refletido neste trabalho, ou seja, do sangue e da água que jorram do lado de Cristo. Os Santos Padres afirmavam a relação entre eles e os sacramentos principais da Igreja, sobretudo da eucaristia e do batismo. O sangue que emana do lado aberto de Cristo na Cruz, está intimamente relacionado à Eucaristia, sendo portanto um dom do Coração de Cristo em benefício de todos os homens.

¹¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrossantum Concilium*, 47. Fonte: Petrópolis: Vozes, 1967

¹¹¹ cf. VERHEYLEZON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 67

¹¹² *ibidem*

Nas aparições de Paray-le-Monial, vê-se em muitos momentos a ligação que Cristo quis fazer entre o amor do seu coração e a Eucaristia. Estas manifestações de Jesus à Santa se dá sempre quando ela está diante do Santíssimo Sacramento em adoração. Em uma das vezes Cristo lhe descreve:

Tenho sede, mas uma sede ardente de ser amado pelos homens no Santíssimo Sacramento que esta sede me consome, e não encontro ninguém que consiga, segundo o meu desejo, de saciar-me, devolvendo-me um pouco do meu amor.¹¹³

A última aparição em 1675, Cristo lhe pede que seja instituída a Festa do Sagrado Coração de Jesus na primeira sexta-feira depois das Oitavas de *Corpus Christi*. Além disto, a santa em suas cartas e escritos revela os desejos de Nosso Senhor em relação à devoção sobretudo nas comunhões reparadoras e na necessidade da Hora santa diante do Santíssimo Sacramento.

De uma maneira geral, seja pela própria teologia, seja por aquilo que foi revelado particularmente em Paray-le-Monial (que em nada contraria o depósito da fé católica), a devoção acerca do Sagrado Coração de Jesus se une perfeitamente ao culto prestado pela Igreja à Eucaristia, sobretudo ao culto fora da missa. Para João Paulo II a participação destes momentos, ou mesmo a oração frente ao tabernáculo é sinal da fé da Igreja na presença real de Cristo. Diz ainda o papa:

É bom demorar-se com Ele e, inclinando sobre o peito como o discípulo predileto (cf. Jo 13,25), deixar-se tocar pelo amor infinito de seu coração¹¹⁴.

¹¹³ Santa Margarida Maria Alacoque apud VERHEYLEZON, L; TESSAROLO, A, *La Devozione al Sacro Cuore*, 1957, p. 67

¹¹⁴ JOÃO PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 17 de abril de 2003, n.º 25. Paulus e Loyola, 2003

CONCLUSÃO

Bem sabemos hoje, que a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, é uma prática de piedade muito difundida em toda a Igreja. Grande parte dos fiéis do mundo inteiro a praticam, com o desejo de se aproximarem e terem seus corações tocados pelo Coração de Cristo.

Porém, as dificuldades em formular um fundamento a esta devoção é algo bastante concreto, pois não foi fácil encontrar bases para um estudo um pouco mais aprofundado sobre o tema. De fato os teólogos pouco produzem em relação à piedade popular, tão importante para a vida da Igreja atualmente.

Ao encerrar este trabalho, que teve o intuito de fundamentar, ou melhor, apresentar uma possibilidade de pensar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, dentro de uma perspectiva, sobretudo histórica, bíblica e teológica, percebe-se a grande necessidade de melhor aprofundar o tema.

Além disto, a necessidade do resgate daquilo que foi aprovado pela Igreja acerca da devoção ao Sagrado Coração de Jesus se faz necessário frente a ondas "pseudo-devocionais", que esquecem o verdadeiro sentido daquilo que realmente significa a devoção. Muito se fala sobre o Sagrado Coração, porém sem o desejo de fazer com que as pessoas encontrem nele, o símbolo do amor divino de Deus que deu a vida por todos. Ainda hoje, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, está baseada numa veneração simples, como a um "santo" qualquer, totalmente desvinculada do seu sentido original, sobretudo daquilo que foi revelado a Santa Margarida Maria Alacoque.

Além do que, um melhor acompanhamento por parte dos agentes de pastoral, sobretudo os pastores, em relação aos grupos e movimentos que têm como carisma e objeto de espiritualidade o Sagrado Coração de Jesus. Cabe dar-lhes uma melhor

orientação, sobre os frutos que podem ser colhidos com uma reta acolhida daquilo que verdadeiramente se deseja com a devoção.

Entendemos contudo que algumas reflexões se tornaram impossíveis de serem refletidas neste trabalho, que num primeiro momento era desejo de serem elucidados e refletidos. Sobretudo sobre o tema da misericórdia, de forma particular a devoção da "Divina Misericórdia", segundo a mensagem feita a Santa Faustina e bastante difundida nos últimos tempos pelo Papa João Paulo II, que muito ligada está ao Sagrado Coração de Jesus.

Foi nos dada também como sugestão de desenvolver o tema dentro de uma perspectiva latino-americana, dando ênfase ao aspecto da misericórdia em John Sobrino, que acreditamos que iria de fato enriquecer o presente trabalho.

Porém sabemos que o que está feito, pode contribuir de uma maneira ou de outra, ou ao menos incentivar, estudos mais aprofundados sobre o Sagrado Coração de Jesus.

De qualquer forma fica um apelo aos teólogos e teólogas não deixarem-se dominar pelo preconceito, ou outro motivo que impeça um estudo sobre o tema central deste trabalho, para o bem dos fiéis e de toda a Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

APOSTOLADO DA ORAÇÃO. *Manual do Coração de Jesus*:. 59. ed.. São Paulo: Loyola, 1983

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, 25 de dezembro de 2005. São Paulo: Paulinas, 2006

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. 5. ed.. São Paulo: Paulus, 1996.

BLANK, Josef, *O Evangelho segundo João*. Trad. Miguel Castro, Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1991.

CALVERAS, Jose. *Los Elementos de la devoción al Corazón de Jesús*. Barcelona: Libreria Religiosa, 1955.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento Interpretado*, São Paulo: Milenium, 1985.

COENEN, Lothar; BRAUN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 2000. 2 v.

CONCÍLIO Vaticano II. Constituição *Sacrossantum Concilium*. Petrópolis: Vozes, 1967.

FRAILE, Guilherme. *História de la Filosofia*. Madri: BAC, 1966.

HARRIS, Laird; GLEASON, Archer; WALKER, Bruce. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JOÃO PAULO II, Audiência Geral de 20 de junho de 1979, nº 2. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790620_po.html>. Acessado em 15 de agosto de 2006.

_____, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 17 de abril de 2003. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003

_____, Homilia no encontro de oração para o ato de devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Elblag, 6 de junho de 1999, nº 2. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/travels/documents/hf_jp-ii_hom_06061999_elblag_po.html>. Acessado em 15 de agosto de 2006.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, Trad. Paulo Meneses et alii. São Paulo: Paulinas, Vozes, 2004.

LITURGIA das Horas. Ofício Divino renovado conforme Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI Trad. para o Brasil da segunda ed. Típica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave Maria, 1995.

MIEN, Aleksandr. *Jesus, Mestre de Nazaré*. Trad. Irami Bezerra da Silva. 9ª Edição. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1999.

MONLOUBOU, Louis ;DU BUIT, André, *Dicionário Bíblico Universal*, São Paulo: Editora Aparecida; Petrópolis: Vozes, 1997.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. Trad. Álvaro Cunha. 4ª Edição. São Paulo: Paulus, 1983 (Col. Patrologia)

PIO XI, Carta Encíclica *Miserentissimus Redemptor*, 8 de maio de 1928, nº. 5. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_08051928_miserentissimus-redemptpr_sp.html>. Acessado em 15 de agosto de 2006

PIO XII, Carta Encíclica *Haurietis Aquas*, 15 de maio de 1956. n.º 39. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html>. Acessado em 15 de agosto de 2006.

RICHSTÄTTER, Carlos. *O Coração do Salvador do Mundo*. Trad. Matias Nijsters. Petrópolis: Vozes, 1941.

SGARBOSSA, Mario; Giovannini. *Um santo para cada dia*. 7ª edição. Tradução Onofre Ribeiro. São Paulo: Paulus, 1983.

STIERLI, Josef (Org.), *Cor Salvatoris*. Barcelona: Herder, 1958.

VERHEYLEZON, Louis; TESSAROLO, Andrea. *La Devozione al Sacro Cuore*, Monza: Ancora, 1957.

VILLER, Marcel (Org.). *Dictionaire de Spiritualité: Ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1953. 17 v.

WOYTILA. Carol. Disponível em <http://www.sanctuaires-paray.com/sanctuaires-paray/message-paray-monial/message.php>. Acessado em 15 de agosto de 2006